



O jornalismo alternativo gaúcho antes e depois de o “Segredo da Pirâmide”: a repercussão do ensaio de Adelmo Genro Filho¹

Iuri Almeida Müller²

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A partir da proposta de Adelmo Genro Filho, que teorizou o Jornalismo como uma forma social de conhecimento no ensaio “O Segredo da Pirâmide”, buscamos dois exemplos que dialogam com a teoria dentro da imprensa alternativa gaúcha: o Coojornal, jornal cooperativista de Porto Alegre que circulou por sete anos no período da ditadura militar, e o Jornal Sul21, veículo eletrônico fundado em 2010. É analisada, também, a suposta crise que a imprensa alternativa enfrenta no Brasil e de que forma ela se relaciona com o pensamento de Adelmo Genro Filho.

Palavras-chave

Adelmo Genro Filho; Coojornal; Jornal Sul21; jornalismo alternativo; teorias do jornalismo.

1. Introdução teórica: por uma nova forma de conhecimento

Trata-se de um conflito indiscutivelmente antigo, é verdade. Mas as discussões entre as visões prática e teórica do Jornalismo ainda encontram eco nas redações, nas academias e em diversas situações nas quais o exercício da profissão é o tema do debate. Um dos lados, que talvez seja o da versão mais antiga, por muito tempo descartou a atenção para um pensamento teórico acerca do Jornalismo. Afinal, para quem conhece o que ocorre dentro de uma redação – este era o argumento – fica claro que se aprende a profissão escrevendo, apurando, fotografando; enfim, o conhecimento e o raciocínio sobre o trabalho produzido *surgem* no exato instante em que o conteúdo se faz. Ou surgiriam, já que essa visão extremamente instrumentalista da profissão hoje se encontra defasada mesmo nos círculos tidos como mais conservadores. As redações, ainda que as dos grandes jornais, tendem a aceitar a contribuição teórica e, logicamente, pensar o Jornalismo e a Comunicação também de uma forma que venha a embasar a própria prática.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Acadêmico do 7º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trabalho orientado por Giselle Dotto Reginato, doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, à época, professora do curso de Jornalismo da UFSM Contato: iuri.muller@gmail.com



No prefácio do livro “O Segredo da Pirâmide”, hoje um clássico das teorias do Jornalismo, Adelmo Genro Filho, escritor, jornalista e professor universitário falecido precocemente aos trinta e sete anos, apresenta uma questão que, infelizmente, não perdeu totalmente a sua atualidade:

“Existe uma grande defasagem entre a atividade jornalística e as teorizações que se fazem em torno dela. Esse distanciamento se dá em tal grau que, inclusive, tem gerado falsas e absurdas polêmicas opondo “teóricos” e “práticos”. Recentemente, uma campanha movida no Brasil contra a obrigatoriedade do diploma (...) indicou até que ponto os pragmáticos chegam em seu desprezo pela teoria. Eles consideram que a simplicidade das técnicas jornalísticas dispensa uma abordagem teórica específica e uma formação especializada” (GENRO FILHO, 1987, p. 4).

Mais do que tomar um lado na discussão, acreditar na absoluta falta de necessidade de uma teoria que pense e busque explicar o fazer jornalístico parece ser um atestado de desprezo sobre a própria profissão.

A menção entre o inusitado confronto entre a teoria e a prática justamente em uma área em que as duas esferas deveriam estar, senão em perfeita harmonia, evidentemente mais próximas, abre o ensaio que Adelmo Genro Filho propôs como uma nova possibilidade de teorizar a prática jornalística. Hoje, mais de vinte anos após uma publicação que nunca deixou de ser estudada e reinventada por outros autores, parece absurda a “justificativa” que o autor se sente obrigado a realizar no prefácio do ensaio. Pensar a comunicação e o Jornalismo, para muitos dos jornalistas, poderia significar até mesmo certo descrédito. Mas “O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo” segue, e vai muito além da mera defesa do ramo teórico daquela disputa dentro da própria imprensa. Em conferência realizada em setembro de 1997, o professor Eduardo Meditsch opina que o ensaio propôs “uma ruptura radical com a teoria estudada até então nas escolas brasileiras de comunicação a respeito do Jornalismo” (MEDITSCH, 1997, p. 25). A ideia de Adelmo Genro Filho consiste em abordar o Jornalismo como uma forma de conhecimento da realidade.

A preocupação do autor de “O Segredo da Pirâmide” quando do lançamento do livro, em 1987, era direcionada a um pensamento marxista, ou, para uma designação mais ampla, direcionada a um Jornalismo de esquerda. O contexto era o dos anos seguintes às consecutivas temporadas de censura, fator que, aliado ao tradicional prejuízo financeiro que sempre enfraqueceu a produção jornalística independente e às



disputas internas entre os próprios profissionais, causou o fechamento e o desmantelamento quase que completo de diversos veículos contra-hegemônicos do período. Foi justamente nos anos de ditadura do Brasil que surgiram a maior parte dos jornais tidos como uma alternativa à imprensa tradicional, frequentemente calada – às vezes por motivos de sobrevivência, outras por uma conivência mal explicada – quanto aos acontecimentos políticos pela censura e pelos órgãos repressores. Surgiram, em um período de tempo muitas vezes coincidente, pequenos jornais de organizações sindicais, panfletos de grupos políticos e por vezes veículos maiores, que sobreviveriam por anos e seriam arduamente perseguidos pelo regime.

Foi principalmente a um Jornalismo de esquerda que parecia ainda desconhecido que Adelmo Genro Filho, portanto, destinou os escritos de “O Segredo da Pirâmide”. Se a teoria da profissão deveria interessar até mesmo aos profissionais da chamada grande imprensa, por vezes situada em uma posição contrária às reivindicações sociais ou mesmo alheia a esses movimentos, o que dirá dos que precisavam pensar tantas vezes mais o exercício da profissão para, de fato, fazer a diferença dentro de um contexto político? Após a ditadura – e por muito tempo seria assim, senão até os dias de hoje – e já sem as mesmas amarras dos anos de chumbo, faltava uma alternativa com força suficiente para desbancar os jornais tradicionais de seu eterno patamar de hegemônicos. Muito porque, como veremos, os jornais e jornalistas que, não satisfeitos com o modelo vigentes, buscavam experiências distintas dentro da imprensa, acabavam restritos às pautas de interesse pontual dos movimentos sociais e do público já habituado com as aspirações da esquerda – e não alcançavam, desta forma, um aumento no número de leitores ou a desejada profissionalização do veículo.

Para Adelmo, essa mencionada despreocupação com os demais temas se configuraria quase em um abandono na “batalha pela hegemonia”, em questão que será abordada de forma menos superficial a seguir. Mas, antes, voltemos ao Jornalismo “como forma de conhecimento”. A conferência de Eduardo Meditsch é explicativa para o entendimento da proposta de Adelmo, que, em sua introdução, relaciona o Jornalismo com outras formas de produção e apropriação de conhecimento historicamente reconhecidas, como a Arte e a Ciência: “Adelmo reconhece a debilidade inicial desse conceito, porque quer concretizá-lo ao longo da exposição: parte da ideia de que o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, lembrando que isso é genérico, que abrange também a Arte e a Ciência” (MEDITSCH, 1997, p. 29). O próximo passo em



uma análise que, de certa forma, pode ser vista como organizada por etapas, seria buscar a especificação do Jornalismo como forma social de conhecimento e também a diferenciação em relação aos demais modos de produzir e se apropriar do saber.

Recorrendo à conceituação do filósofo alemão Hegel, situada na perspectiva da dialética marxista, Adelmo define o enfoque teórico nas categorias do *singular*, do *particular* e do *universal*. As categorias estariam presentes – as três – em todas as formas de conhecimento, ainda que a diferenciação entre elas ocorresse justamente pelo protagonismo de uma ou de outra em cada forma específica. Como se as categorias estivessem sempre presentes, mas inevitavelmente duas aparecessem “dissolvidas”, à margem de uma terceira, esta sim de fato visível. A Ciência, por exemplo, ainda que tenha as três categorias contidas, se ancora no *universal*, no que seria a explicação mais ampla e mais geral para cada fenômeno. Assim ela encontraria a sua utilidade. Da mesma forma, a Arte foi definida por Lukács como uma forma de conhecimento “cristalizada no particular”. Após elucidar tais conceitos, conforme ainda a explanação de Eduardo Meditsch, o que Adelmo Genro Filho pretende demonstrar é que “o Jornalismo é uma forma de conhecer o mundo que não tem base na universalidade. Mas, ao contrário, é uma forma de conhecimento que se cristaliza no oposto (...), que é a singularidade” (MEDITSCH, 1997, p. 30).

E a singularidade, então a categoria relacionada à forma de conhecimento que é o Jornalismo, se relacionaria, neste caso, “com base no desenvolvimento das relações capitalistas”. Afinal, foi com o aparecimento e a consolidação do capitalismo que o mundo direcionou o seu rumo para se tornar um sistema único, universal e, se possível, também interligado: “o capitalismo é o primeiro sistema na história humana que tornou a humanidade um gênero efetivamente interligado a nível internacional. O gênero humano se tornou um todo interdependente, formando um sistema só”. Anterior ao advento do capitalismo havia o que pode ser chamado de uma *percepção singular*. O que se distanciava do comum, e que ocorria ao lado de cada um, na vizinhança, nos lugares de encontro, era visto e percebido pelos que estavam próximos de um ambiente que se alterava todos os dias: “(ele) via o mundo mudando na sua imediaticidade, na sua manifestação, digamos assim, superficial, fenomênica. Ele via o mundo mudando à sua volta” (MEDITSCH, 1997, p. 31). O Jornalismo atuaria como que para suprir tal ausência, decretada a partir da consolidação das relações capitalistas e de uma nova concepção de mundo, do que antes cabia à percepção individual.



No ensaio, percebe-se que o autor relaciona, de certa forma, o surgimento do capitalismo com o surgimento do papel do jornalista. O Jornalismo nasceria de uma base material – a indústria – e assumiria um papel semelhante ao de um fenômeno que, com uma das tantas modificações globais que o novo sistema instituiu, havia deixado de ser verificável. A recente “forma de conhecimento baseada no singular”, como resumiu Meditsch, logo buscaria, em algumas de suas vertentes, cumprir um papel crítico em relação ao sistema que o lançou ao mundo. Assim, como em tantas outras localidades, ele seria visível no Brasil do século XX, e talvez com maior nitidez nos anos de chumbo – tempos em que a avidez por informações tantas vezes ocultadas e por uma análise que esclarecesse a conjuntura política da época fez com que uma imprensa alternativa (e por vezes popular, termo utilizado normalmente quando ela se relacionava diretamente com os movimentos sociais) se disseminasse no país e, como veremos no presente artigo, também no Rio Grande do Sul.

E essa imprensa que desde o princípio se declarou uma imprensa de oposição aos jornais ditos objetivos e imparciais – os hegemônicos – por vezes alcançou uma alternativa a este modelo que inevitavelmente fracassaria. Contra a informação falsamente objetiva que a grande imprensa anunciava, os jornais de esquerda lançavam veículos, textos e jornalistas *opinativos*. E a opinião, ainda que sincera, direta e desprovida muitas vezes dos mesmos interesses que – como sempre se disse – estiveram por trás da mídia hegemônica, não bastava para a imensa maioria dos leitores. Como nas notícias que parecem encomendadas, sem razão de ser, no texto predominantemente opinativo, a *singularidade*, característica que norteia o Jornalismo para Adelmo Genro Filho, se perderia, como torna a opinar Meditsch: “um Jornalismo cheio de adjetivos, de colocações universais, de posicionamentos éticos, expostos claramente, e onde a singularidade do fato que estamos retratando se perde. O problema desse Jornalismo é que a notícia assim apresentada não nos interessa”.

No Rio Grande do Sul, antes e depois da contribuição de Adelmo Genro Filho, existiram experiências de uma imprensa alternativa de esquerda que buscou “batalhar pela hegemonia” – isto é, produziram um Jornalismo informativo, de temática variada, de alta qualidade técnica e capaz de disputar a audiência, as atenções e os leitores da imprensa hegemônica. O primeiro exemplo aqui estudado é prévio ao ensaio “O Segredo da Pirâmide”: trata-se da experiência do “Coojornal”, jornal produzido pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e que funcionou entre 1975 e 1982, durante a ditadura militar. O segundo é posterior e, embora menos significativo do que o caso já



largamente analisado do periódico cooperativista, se torna interessante pela atualidade. Trata-se do “Jornal Sul21”, jornal eletrônico fundado em maio de 2010, também em Porto Alegre, e que se dispôs a produzir conteúdos informativos a partir de uma redação própria, formada com jornalistas contratados, e não de colaborações espontâneas ou contribuições de jornalistas freelancers, como costuma ocorrer nos casos em que a produção jornalística é visível apenas na internet.

2. A experiência cooperativista na resistência ao regime

No final do ano de 1975, em plena ditadura militar – que se estenderia por mais uma década no Brasil – nascia em Porto Alegre um projeto diferenciado de jornal. Criado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, o Coojornal foi a primeira experiência brasileira em que um jornal se sustentou não nas mãos de alguns donos e acionistas, mas sim no trabalho de uma cooperativa. Em novembro daquele ano, conforme o livro “Coojornal: um jornal de jornalistas sob o regime militar”,

“um pequeno tabloide de nome estranho circulou timidamente nas redações de Porto Alegre (...). Produzido não em fotocomposição profissional, como os jornais offset da época, mas em máquina de escrever elétrica, aquelas de esferas, trazia como manchete: *O jornalista entre a sua ética e os interesses da imprensa*. Especificamente, tratava-se de uma matéria comentando o 4º Encontro Internacional de Estudos de Jornalismo para a América Latina (Ciespal), ocorrido em Porto Alegre”. (BONES, Guimaraens, 2011, pg.15)

De início, a circulação do tabloide era restrita e o foco estava apontado para as questões da Comunicação Social e da prática jornalística. Não eram raras as críticas – por vezes indiscutivelmente fortes – direcionadas à mídia gaúcha, mas em pouco tempo o Coojornal ampliou o seu campo de interesse e, também, o número de leitores. Desde a primeira edição, ainda de aparência modesta, o conteúdo alcançou o interesse de profissionais de outros jornais da cidade, professores universitários e alunos das faculdades de Comunicação. O lançamento, ainda que seguido de uma distribuição bastante incipiente, também não passou batido pelos olhos do governo. Segundo um informe confidencial do Sistema Nacional de Informações (SNI) publicado no livro anteriormente citado, foi assim a recepção da novidade surgida na imprensa para os setores de segurança: “a partir de 15 de novembro de 1975, o Coojornal, de responsabilidade da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, começa a circular.



Entre os seus dirigentes e redatores estão os elementos relacionados abaixo, todos eles expurgados da Companhia Jornalística Caldas Junior por suas conotações comunistas”.

O visível interesse dos militares na criação se explica, além da natural curiosidade com um tabloide explicitamente crítico que iniciou a circular, a partir da constatação do comportamento da imprensa local no período – tempo em que Emilio Garrastazu Médici, então presidente, em nenhum momento parecia encaminhar os rumos do país para a esperada abertura política. Quando as perseguições políticas e a censura se tornaram constantes para os que ousassem desafiar o governo, “na imprensa local, predominava o oficialismo e tudo o que ele significava: censura interna, postura acrítica, autoritarismo nas relações de trabalho, frustração”. Quase que por necessidade, após uma ideia inspirada em um exemplo italiano de um jornal erguido por uma cooperativa, foi lançado o processo de criação do mensário Coojornal. A cooperativa foi criada em 1974, após a adesão inicial de sessenta e seis jornalistas gaúchos que, com o pagamento de cerca de um salário mínimo, criariam uma base financeira para o investimento no veículo que representaria a Cooperativa e se tornaria uma alternativa aos jornais informativos dominantes.

Eram chamados jocosamente de “nanicos” os representantes já existentes de uma imprensa crítica e contrária aos abusos da ditadura vigente. Além do “Pasquim”, o exemplo maior do que havia de humor e contestação na imprensa brasileira, publicações como “Movimento”, “Lampião”, “Sol” e “Denúncia” faziam parte do contexto da imprensa independente dos anos de chumbo. A não ser para o primeiro, faltavam condições organizacionais, financeiras e, às vezes, conteúdo de qualidade para resistir à censura e manter o periódico em funcionamento durante a década de setenta. Numerosos jornais surgiam, atacavam o regime com as forças que poderiam acumular e, meses depois, eram obrigados a fechar as portas; os responsáveis, muitas vezes, acrescentavam um inevitável prejuízo financeiro e alguma passagem pelos órgãos repressores ao ponto final das suas publicações. Estiveram longe, portanto, de disputar os leitores e as atenções de um jornalismo que já exigia isso – não cabe, aqui, qualquer crítica à evidente combatividade dos mencionados jornais, que tiveram um incontestável e por vezes heroico papel na atuação da imprensa durante a ditadura militar.

As condições que faltaram a muitos dos representantes da “imprensa nanica” foram supridas, em parte, pela organização pioneira do Coojornal, na qual a sustentação fornecida pela cooperativa talvez seja o mais importante dos pilares. O aporte financeiro fez com que, talvez ineditamente na imprensa contra-hegemônica do estado, fosse



possível pensar em um Jornalismo sem o desespero das vendas sufocando a produção desde as primeiras edições. Ademais, a equipe contava com profissionais de larga e variada experiência na imprensa gaúcha, repórteres que trabalharam nos principais jornais do estado e que em certas oportunidades estiveram impedidos de exercer a profissão quando do embate com a censura. No decorrer da sua existência, o Coojornal recebeu contribuições de jornalistas de fora do Rio Grande do Sul que compartilhavam da admiração pelo projeto e alternavam a atividade em seus empregos regulares com as colaborações para o jornal cooperativista de Porto Alegre. Para escapar da censura, por vezes o Coojornal se utilizou de pseudônimos – um deles, chamado Walter Moraes, teria sido um dos maiores redatores do periódico caso não fosse tão somente uma assinatura fictícia.

Ainda que represente na prática parte das ideias de “O Segredo da Pirâmide”, a experiência do Coojornal porto-alegrense é anterior ao ensaio de Adelmo Genro Filho. No entanto, a opinião do autor de que o Jornalismo de esquerda que aspirar a sua manutenção na disputa pelos leitores e, em um seguinte momento, pela hegemonia, precisa assim mesmo ser um Jornalismo informativo e capaz de competir com o conteúdo oferecido pela grande imprensa converge com o caso aqui analisado. Se escolheu a política como principal tema, ao mesmo tempo o Coojornal jamais se limitou a ela. Nas suas setenta e oito edições, abordou a música gaúcha e a música popular brasileira, entrevistou escritores locais e outros com mercado em todo o Brasil, fez humor, através da charge e do texto satírico, e tratou de assuntos policiais ou ligados à ecologia. Talvez tenha sido justamente a ambição – e, é claro, a *possibilidade* de ser ambicioso, condição inexistente para outras experiências – de se tornar um veículo diversificado e de qualidade que garantiu a sobrevivência da publicação durante aqueles sete anos. Mais do que uma possível cautela em relação à censura vigente que, a julgar pelos editoriais da época, não foi uma das estratégias adotadas pelo jornal.

Entre as possíveis exemplificações do conteúdo do Coojornal, estão duas das reportagens que compõem a décima edição do jornal. A primeira delas traça um perfil do ecologista e agrônomo José Lutzenberger, cujas ideias que iam contra o “inevitável progresso” de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul apareceram dispostas nos grandes jornais como se o autor das mesmas fosse um insano. “Lutz”, como era conhecido, aparece através de um texto criativo e sem preconceitos, do qual é possível extrair, sem qualquer dificuldade, o caráter *singular* da reportagem. A posição política do perfilado, inclusive, estava longe de ser a que orientava o jornal, como se pode perceber a partir de



uma de suas declarações: “não acho que derrubando as atuais estruturas seja a solução, porque o problema, a origem de tudo é anterior, é uma questão filosófica de postura do homem diante do mundo”. Na mesma edição, a reportagem de capa é outra que se assemelha aos assuntos abordados pela imprensa tida como dominante: trata-se do “Caso Kliemann”, famoso escândalo forjado a partir dos assassinatos do então deputado Euclides Kliemann e de sua mulher. Mais de dez anos depois, o repórter André Machado apurou como o mistério seguia vigente em um dos casos que mais atraiu a atenção dos leitores gaúchos na época.

Enquanto jornal de contestação, o Coojornal foi igualmente longe: em termos de análise, publicou, entre outros, um extraordinário artigo do escritor uruguaio Eduardo Galeano, já reconhecido internacionalmente, e inédito em português. No texto, inteiramente nostálgico, Galeano argumenta sobre como a sua Montevideú parece outra cidade após o golpe militar que impôs outra ditadura no continente, em 1973. Quanto à política brasileira, por exemplo, foram publicados documentos secretos das forças armadas que explicavam as ações a serem tomadas na luta armada, já em 1980. Na ocasião, dois dos jornalistas da cooperativa acabaram presos. Outros relatórios revelam que muitos dos anunciantes do periódico receberam visitas de autoridades do governo que “recomendaram” o fim do apoio à publicação. Dificuldades financeiras e a evidente perseguição por parte dos órgãos da censura resultaram no fechamento do jornal anos depois, em 1982. No mês de março do ano seguinte, outros quatro jornalistas que integravam a redação do Coojornal acabaram presos – fato que causou enorme indignação na imprensa gaúcha e rendeu uma edição extra – e derradeira – do veículo da cooperativa, cujo tema era, inevitavelmente, os limites da perseguição à imprensa.

3. Jornal Sul21: o exemplo contemporâneo da imprensa alternativa gaúcha

Criado em 2010, também na cidade de Porto Alegre, o Jornal Sul21 desde o primeiro instante se destacou por algumas de suas características: assumiu, a partir da criação, a postura de manter-se apenas com o conteúdo digital e revelou, como consta na seção “Institucional” do próprio site, a linha política assumida pelos editores:

“o Sul21 é um jornal dedicado prioritariamente ao noticiário político. E, aqui, reafirmamos, de forma clara, direta e honesta, as nossas convicções, que de maneira nenhuma interferirão no noticiário: apoiamos – ressalvadas algumas divergências pontuais – o projeto de desenvolvimento em andamento no Brasil, com diminuição das desigualdades regionais, econômicas e sociais. As nossas convicções,



no entanto, não nos impedem de criticar este mesmo projeto que apoiamos, quando acharmos necessário. Manteremos nossa independência e autonomia, indispensáveis à manutenção do compromisso com a verdade e com a democracia na informação”.

A apresentação do pensamento político que norteia a cobertura do site, pouco comum mesmo nos portais menores da internet, não freou o crescimento do jornal – em pouco mais de um ano, numerosas reportagens do Sul21 repercutiram positivamente e, inclusive, pautaram jornais impressos. Muito porque, como o “editorial fundador” antecipava, o Sul21 é “prioritariamente político” – mas nem de longe unicamente. Temas como economia e cultura são abordados diariamente, e à produção da redação do site se soma um conjunto de colaboradores e colunistas. A própria criação do site esteve ancorada em uma rede de blogueiros que vinculariam os conteúdos produzidos às seções do portal. Até outubro de 2011, o editor do Sul21 era, também, um pesquisador do Jornalismo alternativo. Graduado em Jornalismo na Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Daniel Cassol abordou na sua dissertação a experiência do jornal Brasil de Fato dentro da “crise da imprensa popular alternativa”.

Para Cassol, em entrevista realizada para o presente artigo, ao menos enquanto desempenhou a função de editor havia a intenção de expandir o alcance do Sul21 e competir, de certa forma, com a mídia hegemônica: “falo por mim, já que não sou mais editor do Sul21. Mas acredito que o nosso grande desafio era fazer com o que o Sul21 deixasse de ser um jornal alternativo e conseguisse se expandir hegemonicamente. No horizonte distante, até porque a diferença de tamanho e estrutura é brutal, nosso concorrente era o site do jornal Zero Hora. Ou seja: queríamos, mantendo a identidade do jornal, ser uma “alternativa” à Zero Hora no Rio Grande do Sul, tentando ampliar nossos leques de assunto, saindo só da política e se abrindo para a cultura, o futebol, etc”.

Parte do aporte teórico – ou muito dele – que referenciou Daniel Cassol quando da experiência como editor do portal veio, também, da obra principal de Adelmo Genro Filho. Sobre a necessidade de competir com uma imprensa mais rica, tradicional e bem estruturada, segue Cassol: “para isso, é preciso fazer o que, para mim, foi a grande lição aprendida no livro *O Segredo da Pirâmide*: “na medida das possibilidades concretas da esquerda revolucionária e socialista, a luta deve ser travada, também, no terreno desse moderno jornalismo, que não é abertamente propagandístico ou organizativo [...] mas que patrocina uma forma específica de conhecimento de realidade social” (GENRO



FILHO, 1987, p. 143). Adelmo Genro Filho está defendendo a autonomia do jornalismo como forma de conhecimento, rejeitando as tentativas de “direcionamento”, digamos assim, patrocinadas historicamente pelos jornais de esquerda. Ele defende também a “necessidade de um jornalismo informativo com outro caráter de classe, elaborado a partir de outros pressupostos ideológicos e teóricos, mas cuja missão principal não seja apenas a de propagandear tais pressupostos” (GENRO FILHO, 1987, p. 143)”.

Dentro da crise que se estende pelos complexos e variados problemas da imprensa alternativa brasileira (e dos jornais de relevância nacional, como o Brasil de Fato, às revistas contra-hegemônicas de grande circulação, como a Caros Amigos), o formato digital pode ser um fator importante para definir a sobrevivência desta imprensa, conforme opina Cassol:

“historicamente, os custos e dificuldades com impressão e distribuição dos impressos foram fatores decisivos para que muitos jornais tivessem vida curta. Um parêntese: creio que disputas políticas internas, divergências e o próprio contexto repressivo foram muito mais importantes para acabar com os jornais alternativos durante a ditadura militar, mas inegavelmente os custos com o impresso são obstáculos importantes. Atualmente, a internet permite a eliminação desses dois processos caros - a impressão e a distribuição -, mas ainda há dois problemas a serem solucionados. Primeiro, o alcance ainda limitado dos veículos alternativos em termos de audiência, por mais popularizada que a internet seja no Brasil. Por outro lado, em termos de conteúdo, há um controle da audiência muito grande por parte dos grandes portais. Em segundo lugar, ainda é preciso resolver o problema do financiamento dos veículos na internet”.

Por último, Daniel Cassol comenta as mudanças na postura da imprensa alternativa em relação ao governo federal – modificações que surgiram diretamente de alterações na conjuntura política brasileira:

“uma mudança importante foi em relação ao contexto político. Oito anos depois do início do governo Lula, já não há mais dúvidas quanto à natureza deste projeto político. Assim, os diferentes partidos e organizações à esquerda no espectro político brasileiro já consolidaram suas posturas em relação ao governo, e isso tirou da pauta dos jornais alternativos os debates sobre o governo. Outra mudança foi em relação à própria qualidade dos jornais, o que é natural. Falo especificamente do Brasil de Fato. O jornal conseguiu se ampliar, promoveu mudanças no projeto gráfico do jornal impresso e apostou mais na internet. Já os problemas históricos que dificultam a expansão hegemônica da imprensa popular alternativa permanecem: falta de recursos, projetos muito pequenos incapazes de crescer, falta de disposição para “jogar o jogo no campo do adversário”, entre outras coisas.

Mas, veja só: é a imprensa alternativa (nas suas mais variadas formas, incluindo até mesmo os “tuiteiros”) que vem pautando temas polêmicos e que até então eram pouco conhecidos. Na eleição de



2010, apesar da postura partidária da maioria, a imprensa alternativa foi muito contrária à postura agressiva e quase fascista da candidatura José Serra, o que acabou derrotando um grupo político ultrarreacionário que tentava se reorganizar. Atualmente, é possível dizer que foram jornalistas independentes, jornais alternativos, blogueiros e tuiteiros críticos os primeiros a denunciar os impactos sociais e ambientais causados com a construção da Usina de Belo Monte. Hoje, um debate nacional”.

4. Considerações finais

Ao final desta breve exposição em forma de artigo, pode-se concluir que, independentemente do período histórico em que está situado, para o Jornalismo alternativo apenas a apresentação e a atuação usuais de um veículo de esquerda não bastam para a manutenção do jornal. Em tempos de ditadura ou após a redemocratização, os jornais que se limitaram ao conteúdo combativo estiveram, de alguma forma, longe da disputa de hegemonia pelo público-leitor. É o momento adequado, entretanto, para se fazer uma última ressalva: ainda que seja aparentemente um objetivo comum de qualquer publicação, nem todos os jornais foram criados para sobreviverem por largos períodos. Talvez seja o caso de muitos dos fugazes periódicos que desapareceram com a mesma velocidade com que surgiram, durante a ditadura militar – ali, a missão ou os objetivos poderiam ser mais breves, mas igualmente importantes: atuar contra o regime em um ambiente específico, ou durante um período limitado, respaldar determinadas ações da resistência de esquerda ou desafiar os limites da censura que imperava na época.

De modo que as análises aqui presentes se limitam aos jornais que buscaram certo protagonismo durante o período em que circularam. A estes, se aplicam as ideias e os questionamentos de “O Segredo da Pirâmide”, o eixo teórico em que foram abordadas as experiências do Coojornal e do Jornal Sul21. As preocupações de Adelmo Genro Filho com o futuro da imprensa alternativa foram, de fato, posteriormente verificadas e vistas como pontuais. A crise mencionada por Daniel Cassol passa – entre outras questões – pelo despreparo de muitas das publicações dentro do atual contexto em que se inserem os jornais independentes e, é possível supor, por um provável desencanto do público alheio às questões políticas ou relativas aos movimentos sociais com a pauta da esquerda.

Quando perguntado se o profissional que hoje trabalha à frente de um jornal tido como contra-hegemônico tem o suporte teórico necessário para projetar a prática, Daniel Cassol respondeu de uma forma que, nos parece, sintetiza os questionamentos



abordados no presente artigo: “sabemos das fragilidades na formação propiciada pelas faculdades de jornalismo – mesmo para o mercado das grandes redações a formação é insuficiente. Por outro lado, há uma crise de ideologias que é estrutural e faz com que a nossa geração, em geral, seja despolitizada. Na minha opinião, o desafio é conciliar a formação teórico-política com a habilidade técnica. Porque há uma técnica consagrada pelo jornalismo, uma forma de conhecimento que se consolidou ao longo do século XX e hoje é fundamental para que a sociedade se informe sobre a atualidade. E, se por um lado há muito jornalista “alienado”, como gostamos dizer, por outro há muitos outros altamente politizados, mas sem a habilidade necessária para travar a luta do jornalismo no campo do adversário.”

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto – **Estudos sobre Hegel**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.

BONES, Elmar; GUIMARAENS, Rafael. **Coojornal: um jornal de jornalistas sob o regime militar**. Porto Alegre: Editora Libretos, 2011.

CASSOL, Daniel. **Brasil de Fato: a imprensa popular alternativa em tempos de crise**. Dissertação. São Leopoldo, 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. Porto Alegre, Editora Tchê, 1987.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto, Afrontamento, 1998.

Documentos e editoriais

COOJORNAL (1976). Edição 01, 1976.

COOJORNAL (1976). Edição 02, 1976.

COOJORNAL (1976). Edição 03, 1976.

COOJORNAL (1977). Edição 15, 1978.

COOJORNAL (1977). Edição 16, 1978.

COOJORNAL (1980). Edição 48, 1978.